



Milene Duenha

Apresentação Manifesta - Inserção pós-revisão

O texto que se segue revela um diálogo entre Juliana Liconti, Milene Duenha e Raquel Purper: três artistas, pesquisadoras e professoras atuantes no campo das artes performativas que, de seus distintos contextos, traçaram um plano comum: a escrita performativa de um artigo sobre/com/em arte e processos de produção de vitalidade via aplicativo *WhatsApp*.

Nesse encontro, tanto a experiência da alegria, do aumento da potência de agir, quanto a experiência da tristeza e sua consequente diminuição da potência de agir foram experimentadas e partilhadas de modo explícito ao longo da escrita, ora no corpo do texto a partir da apresentação das conversas descoladas do aplicativo, ora via *QR Codes* acessíveis para *smartphones*, evidenciando as dimensões da escrita com todas as suas inconsistências, seus entraves e (in)dissoluções.

Há, nesta proposição, algumas provocações acerca do tema alegria, mapeando em conversa, por meio de re-perguntas, suas relações com o riso, a gargalhada, o desejo e a potência de agir. Gargalhar é ato de produção de vitalidade? O riso se liga à alegria? O riso estaria vinculado ao prazer e o prazer vinculado ao desejo? O prazer relaciona-se com a liberdade de experimentação que o jogo é capaz de gerar. O desejo pode ser cooptado, armadilhado. Como a arte pode estar implicada na luta contra uma cafetinação do desejo? Em que jogos a criação em arte pode se lançar em favor da produção de vitalidade? Essas foram algumas das questões levantadas e (alerta de *spoiler*) não respondidas. Autories como Baruch Spinoza, Henri Bergson, Gonçalo Tavares,

21:55

Milene Duenha

Suely Rolnik, Ernst Fischer e Johan Huizinga foram trazidos para nosso jogo, sem muita cerimônia ou demora, à medida que apareciam como referências na abordagem dos assuntos nascentes na conversa.

Firmamos um primeiro pacto em uma tarde de domingo: a nossa escrita coletiva se daria integralmente via grupo de *WhatsApp* e tudo o que fosse escrito, gravado ou fotografado seria exposto na publicação. Este acordo foi motivado pela convocatória de publicação que convidava às pesquisadoras a “explorar outros formatos para uma escrita acadêmica artística”. Para manter o nosso pacto e ao mesmo tempo se adequar a limitação de tamanho (13 páginas em formato A5), surgiram os *QR Codes*. A nossa questão - processos de produção de vitalidade - se desdobrava em dois planos simultaneamente. 1. **Enquanto tema:** por meio de uma modulação de jogo que se revelava na ação de re-perguntar - e nesse jogo íamos desdobrando a questão, sem nenhuma intenção de respondê-la, produzindo variações, caminhos possíveis -; 2. **Enquanto performance:** nosso pacto inseriu uma alta voltagem performativa na escrita - tudo que foi escrito entraria no texto final, nada seria cortado, apagado, estávamos lidando com um risco da performance - do **fazer sem ensaio**. Este acordo por si só é um processo de produção de vitalidade. Assumimos juntas o risco de nos expor. Escolher a vulnerabilidade aumentou a nossa potência de agir.

Na montagem do texto final, para estarmos à altura do nosso pacto, fizemos *prints* de toda a conversa, mesmo sabendo da existência de erros de digitação e do abandono das regras da ABNT. Também optamos por manter o bate-papo na ordem cronológica para que o leitor pudesse acompanhar o processo, sem nenhuma mediação, como quem monta um quebra-cabeças ou stalkeia uma conversa. Por isso o título, o resumo e as palavras-chave encontravam-se no final do texto para que retroativamente a experiência de leitura se espraiasse em outros sentidos, assim como acontece na vida.

21:55



Juliana Liconti

Nosso título, **Por uma gargalhada da vitalidade: diálogos descolados no WhatsApp**, descrevia tanto o tema, como procedimentos, modo de apresentação do trabalho, quanto os desafios na trajetória. Os diálogos que transparecem nossas gargalhadas, interrogações, incertezas, afirmações foram integralmente descolados do aplicativo de conversas e trazidos para o formato A5, o que também nos desafiou grandemente, pois inventar oferece sempre o dobro do trabalho que demandam as receitas prontas.

Quando tivemos o retorno dos pareceristas, as sugestões caminhavam na direção oposta: propuseram que fizéssemos uma breve apresentação da ideia geral e da estrutura do texto logo no começo, “essa entrada direta não deu conta”, e a maioria dos comentários eram no sentido de encaixar o texto nos padrões validados na academia.

Compreendemos um processo de pesquisa como invenção (KASTRUP, 2007), repleto de acidentes, crises, inseguranças, dúvidas, medos, frustrações, “erros”, procrastinações, justamente por ser um processo vivo, cheio de transformações e incertezas. No entanto, o modo mais tradicional de fazer pesquisa tende a suprimir toda essa vida na construção de uma narrativa coerente, com começo, meio e fim. Nós não compactuamos com esse modo de pesquisar, acreditamos em uma escrita que expõe as fragilidades e as incoerências, que explicita o processo, como uma posição política que abandona os ideais de perfeição e manuseia no aqui-agora o que se tem, inventando possíveis com isso. Acreditamos que é um maneira de encontrar vitalidade no ato de pesquisar e descolonizar o conhecimento, pois paramos de nos pautar em modelos preexistentes que operam a modernidade/colonialidade.

22:05



Por uma gargalhada da vitalidade: diálogos descolados no WhatsApp

22:05

Juliana Liconti

Por acreditarmos na pesquisa como invenção, explicitamos todas as camadas dessa experiência. O arquivo original segue em QR Code aqui na lateral desse texto.

Juliana Liconti

Quando, então, recebemos a revisão dos editores, entendemos que a nossa posição performativa não seria completamente sustentada pela publicação, precisávamos dar um passo atrás e rever nossa posição. Decidimos acolher o que foi sugerido, como um convite ao desvio, dissemos sim a tudo: mudamos e reposicionamos o título, as palavras-chave, o resumo, fizemos correções ortográficas, gramaticais e sintáticas no texto, adequamos (o quanto foi possível) as citações e referências às normas da ABNT. **Mas não sem invenção!** Respondemos à sugestão de que fizéssemos notas explicando os sentidos das gírias utilizadas no início do texto, jogando Dicionário (se você não conhece esse jogo, também fizemos tutoriais explicando este e outros jogos).

Acolher a proposta de reescrita e revisão mudou o nosso modo de operar. Copiamos a conversa que havia sido escrita diretamente no WhatsApp para o Google Docs. O que era performance, transformou-se em teatro. Agora nós ensaiamos a nossa escrita várias e várias vezes, recebendo *feedbacks* umas das outras. A princípio tentamos escapar da reescrita, pois ela falsearia a conversa em tempo real, mas agora embarcamos na encenação. Inicialmente a colagem dos prints havia sido feita por nós mesmas, com toda a precariedade que isso envolve (não era consciente, mas a



Ficções Insurgentes

Juliana, Milene, Raquel e você



opção pela performance se fazia em todos os nossos gestos). Na reescrita, contratamos uma *designer*, assim teremos uma representação desviante, mas que minimamente cumpre as expectativas da comunidade acadêmica. Ainda estamos ensaiando, mas estamos ansiosas para a nossa estreia (ou seria ensaio geral?) quando incluiremos a *designer* no grupo e colaremos cada uma das nossas “falas” no *WhatsApp* novamente, simulando a conversa em tempo real, como se fosse a primeira vez (só que não).

22:05

Raquel Purper

Salientamos que o arquivo “oficial” é a encenação da performance realizada entre 31 de maio a 27 junho de 2020. E como qualquer acontecimento na vida, possui as suas potências: fazer esta reflexão, jogar Dicionário, reescrever trechos mal interpretados, são algumas delas. Mas também possui as suas perdas: não apresentar as datas e horários da escrita em tempo real, reescrever trechos mal interpretados, encenar toda a conversa em data e horário marcados com a presença de uma profissional da arte gráfica que vai otimizar nossa ação e produzir um resultado com melhor acabamento, ou seja, passar por uma relativa assepsia acadêmica ao conformar-se às referências pleiteadas nesta publicação.

Iniciamos essa viagem com gargalhadas e nos negamos a perdê-las de vista. Lamentamos a indigestão que as mudanças estruturais provocam. Aprenderemos juntas a mastigar as dinâmicas de reiteração de poder. Que esse seja um convite aceito com coragem e alegria. Por fim, ou por início, esperamos que nosso propósito de descolar seja alcançado em alguns de seus vários sentidos possíveis

nessa leitura desviante: o de deslocar a percepção dos modos colonizados de leitura e fruição de uma discussão sobre/com/em arte; o de descolar como estímulo-sinônimo de autonomia e liberdade inventiva; o de descolar como exemplo de procedimento de apresentação de uma escrita performática; o de descolar da gíria que define aquilo que é desembaraçado, que tem iniciativa, mesmo que esses termos estejam em desuso. Para nós foi um processo movente, “do balacobaco”. Esperamos que algum descolamento emergja dessa relação.

22:06



Digite uma mensagem

